

## MEMORIAL DE FORMAÇÃO: UMA PRÁTICA DE (AUTO)FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

*Silvia Maria Medeiros Caporale  
Universidade São Francisco  
silviammcaporale@hotmail.com*

### **Resumo:**

Trata-se de um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, que investiga a constituição profissional de futuros professores de matemática. O memorial de formação dos futuros professores de matemática da Universidade, na qual a pesquisadora atua como professora na Licenciatura em Matemática é produzido como prática de (auto)formação e também foi escolhido como um dos instrumentos de coleta de dados. Optou-se pelo memorial de Clara devido ao fato de ser escrito a partir de diferentes contextos formativos. A pesquisa, de caráter qualitativo tem como apoio os aportes teóricos de dois eixos que se entrelaçam: os estudos histórico-culturais e os estudos autobiográficos. Ao analisar o memorial, sob a perspectiva da alteridade, por exemplo, é possível identificar as diferentes vozes que dialogam com Clara, as ressignificações das experiências vividas e as atribuições de novos sentidos, refletidos e refratados no movimento eu-outro.

**Palavras-chave:** Memorial de formação; prática de (auto)formação; formação inicial; professor de matemática.

### **1. Introdução**

O primeiro contato que tive com a escrita de si, em particular, com o memorial de formação foi a partir das pesquisas de Maria da Conceição Passeggi e a tese de uma de suas orientandas, Maria José Medeiros Dantas de Melo (UFRN/2008), cujo título é “Olhares sobre a formação do professor de matemática. Imagem da profissão e escrita de si”.

Ao iniciar (março de 2011) as atividades profissionais na Universidade Federal de Lavras/UFLA (Lavras/MG) com turmas de estágio supervisionado, sugeri aos outros dois professores também responsáveis por turmas de estágio, a elaboração, pelos licenciandos, do memorial de formação em substituição ao tradicional relatório de estágio. Percebi no memorial de formação uma possibilidade de propiciar aos alunos uma prática (auto)formativa inovadora, visto que ao terem a oportunidade de narrarem suas memórias

relativas a trajetória de formação tivessem a oportunidade de refletir sobre suas experiências.

Inicialmente os licenciandos foram orientados a escreverem sucintamente a sua autobiografia com foco na trajetória estudantil e na relação que tiveram com a matemática ao longo da Educação Básica. Embora de maneira velada foi perceptível a resistência de alguns licenciandos e o estranhamento de outros diante da tarefa solicitada.

Um dos motivos pode ter sido pelo fato de que em cursos de licenciatura em matemática os futuros professores quase não têm contato com a produção de texto escrito e com leituras que estimulem o processo reflexivo tendo como foco a formação profissional. O memorial de formação não é uma escrita ao acaso e sim, fruto de ação refletida sobre fatos e experiências de vida que, de alguma forma, influenciam os modos de ser e de sentir a profissão docente.

Mas, aos poucos fomos sugerindo leituras sobre memoriais de formação e orientações sobre possibilidades de fatos e reflexões que poderiam ser escritos. Em suma, o memorial dos licenciandos em matemática da UFLA é escrito, no mínimo, ao longo de quatro semestres (dois estágios referentes ao Ensino Fundamental e dois estágios referentes ao Ensino Médio). Porém, a sua escrita não se limita as experiências com os estágios, os futuros professores são estimulados a narrar suas experiências a partir dos demais contextos de formação inicial em que estão inseridos.

Ao dar voz aos futuros professores, por meio da escrita do memorial de formação, é possível oferecer-lhes a possibilidade de evocar e refletir sobre fatos e momentos da história de suas vidas que contribuíram e que contribuem na constituição de crenças, valores e representações; sobre o processo de ensino e de aprendizagem da matemática e sobre o que é ser professor de matemática. Neste sentido, Prado e Soligo (2005) afirmam que

é preciso combinar em nosso mundo interior as percepções que recolhemos do mundo exterior, dando forma às nossas idéias e pensamentos. Então, pensar pode ser isso: uma auto-reflexão sobre o todo do mundo tal qual se apresenta para nós, um jeito de contá-lo a nós mesmos. (p.8)

Outro objetivo é tornar a escrita do memorial um ato consciente, para que os futuros professores aprendam a compreender e agir sobre seu próprio processo de formação.

O memorial de formação dos futuros professores é produzido como prática de (auto)formação e também foi escolhido como um dos instrumentos de coleta de dados de minha pesquisa de doutorado. A pesquisa pretende responder a seguinte questão: Em que medida futuros professores, em processo de formação inicial, se apropriam de conhecimentos profissionais e vão se constituindo professores a partir de diferentes experiências (auto)formativas? Tem por objetivos: (1) Discutir a formação dos licenciandos em Matemática da Universidade com base nas teorias e tendências sobre formação inicial docente. (2) Identificar os elementos que contribuem para a construção da identidade docente do licenciando ao participar de diferentes contextos e práticas formativas. (3) Compreender como as experiências vivenciadas na prática coletiva influenciam e interferem na (re)significação da Matemática Escolar. (4) Identificar as contribuições e limitações do memorial de formação, enquanto prática de (auto)formação.

A investigação, de abordagem qualitativa, está sendo realizada com a colaboração de seis licenciandos da Universidade Federal de Lavras, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Os dados para análise são coletados nas reuniões semanais do PIBID e em grupos de discussão, por meio dos seguintes instrumentos: memorial de formação, diário de campo, vídeo e áudio gravações das reuniões do grupo. A análise está sendo subsidiada por aportes teóricos de dois eixos que se entrelaçam: os estudos histórico-culturais e os estudos autobiográficos e também, por meio da metodologia de análise de conteúdo.

Para este trabalho apresentamos o memorial de Clara, uma aluna do oitavo período de graduação em Matemática (2013), com o objetivo de evidenciar as principais “vozes” que compõem a escrita de seu memorial e de que maneira se entrelaçam e contribuem para o processo de constituir-se professor.

## **2. Memorial de formação: composição de diferentes vozes**

O memorial de formação é um texto no qual o autor escreve suas memórias-enunciados, a partir da escolha dos fatos de sua história que quer tornar público. Para Passeggi (2006) a escrita do memorial é uma prática social acadêmica, que nos últimos 70 anos vêm se consolidando e sofrendo modificações a partir das mudanças que estão ocorrendo no ensino superior no Brasil. Especificamente, o memorial acadêmico é “uma narrativa autobiográfica da vida intelectual e profissional, escrita em resposta a uma

demanda institucional” (PASSEGGI, 2006, p. 205-206). Além disso, dependendo de sua finalidade e situação de elaboração ele se subdivide em duas modalidades: o memorial descritivo e o memorial de formação.

Enquanto o memorial descritivo é caracterizado por reflexões individuais em resposta a parâmetros publicados em editais, com a finalidade de concorrer a concurso público ou processos seletivos; o memorial de formação é escrito por docentes em formação (inicial ou continuada), e pode ser acompanhado por um professor orientador quando está sendo elaborado como trabalho de conclusão de curso.

Com a institucionalização do memorial de formação tomado como prática reflexiva na formação de professores, o papel do orientador/formador é essencial para a “delicada tarefa de ajudar os professores na elaboração de suas histórias de vida profissional” (PASSEGGI, 2006, p.203). Neste sentido a autora discute a noção de mediação biográfica, com o objetivo de interrogar os processos mediadores postos em jogo ao longo da elaboração do memorial de formação e seu impacto (trans)formador sobre a pessoa que narra.

Passeggi (2006) concebeu, a partir de pesquisas, três dimensões da mediação biográfica: mediação iniciática (que toma como base a noção de acompanhamento), mediação maiêutica (estruturada em torno da explicitação biográfica) e mediação hermenêutica (que se inspira na conduta clínica).

No primeiro momento da escrita do memorial o formando enfrenta alguns desafios, simbolicamente esses desafios podem ser representados por duas ideias, a de luta e a de luto. A ideia de luta está associada as suas dificuldades de escrita, de ter que apropriar-se de um gênero discursivo pouco conhecido, ao ter que mostrar-se ao narrar a sua história. Já a ideia de luto está associada à morte de si mesmo e o renascer como outro. Segundo Passeggi (2006, p. 211) “o papel do formador é partilhar com o adulto “o pão e o passo”, acompanhá-lo na viagem que ele inicia na busca de si mesmo”, auxiliando-o a se apropriar de um gênero discursivo pouco conhecido e da necessidade de desvelar-se primeiramente a si mesmo, por meio de questionamento como: Que fatos marcaram a minha vida?

No segundo momento da escrita, o formando faz sucessivas versões do seu memorial e vai se apropriando dele como gênero acadêmico. Na mediação maiêutica, cabe ao formador ajudar o formando a descrever com detalhes, explicitar e refletir sobre suas experiências de vida para que estas se tornem formadoras por meio de um processo da reconceitualização. Essa dimensão da mediação é essencial para que o formando se conceba, se reinvente, como um momento de passagem do saber-fazer com o outro,

*heteroformação*, para o saber-fazer sozinho, *autoformação*. “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo” (PASSEGI, 2010, p. 3), tal é a máxima do modelo socrático e por extensão da mediação maiêutica.

No terceiro e último momento da escrita do memorial cabe ao formando, com a ajuda do formador, “a interpretação e resignificação do sentido da vida e da reinvenção de si” (PASSEGI, 2010, p. 3 - 4). Desta forma, a mediação hermenêutica consiste na negociação do sentido sobre as experiências revisitadas, reconceitualizadas. Pode-se dizer que o processo de mediação obteve êxito “quando o mediador se retira de cena e o adulto toma em suas mãos, mesmo provisoriamente, os rumos de sua vida”. (idem, 3 - 4)

A partir da perspectiva de mediação biográfica apresentada pela autora evidenciam-se os desafios postos ao formador e ao formando no processo de escrita do memorial. Trata-se da interrelação da escrita e da mediação da escrita do memorial de formação por meio de um movimento de reciprocidade entre dois personagens.

Nesta mesma perspectiva Pineau (2010) ressalta que a formação do professor constitui-se a partir da possibilidade de aprender: com o próprio percurso (autoformação), entre a ação dos outros (heteroformação), com o ambiente (eco-formação) e com o outro (co-formação).

Torna-se evidente, a partir das discussões teóricas que apresentamos até o momento, a presença marcante do eu-outro nas diferentes forças que atuam no processo de formação do professor. Neste sentido Ferraroti (2010) afirma que

“Um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamar-lhe um universo singular”: “totalizado” e, por isso mesmo, universalizado pela sua época, “retotaliza-a” reproduzindo-se nela enquanto singularidade. Universal pela universalidade singular da história humana, singular pela singularidade universalizante dos seus projetos, exige ser estudado simultaneamente nos dois sentidos. (p. 51)

Desta forma, há muito tempo já se tem o entendimento de que não somos o que somos apenas por nós mesmos, mas, nos constituímos com e a partir do outro. Para Bakhtin (1992, p. 35 e 36) “a alteridade define o ser humano, pois o outro é indispensável para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro”.

A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência é algo que se

consolida por meio das interações sociais. Constituímo-nos e nos transformamo-nos sempre com e pelo outro. Para Bakhtin (1988) a noção de alteridade se relaciona com pluralidade, polissemia e polifonia, entre outros conceitos.

As atividades humanas estão sempre relacionadas com o uso da língua. A língua concretiza nossos enunciados (orais ou escritos, concretos e únicos). Segundo Bakhtin (1988), o emprego da linguagem passa imperiosamente pelo sujeito, que é o responsável pela composição e pelo estilo de seus discursos nas relações sociais. Na elaboração de enunciados, o locutor e o interlocutor, a partir de uma relação dialógica, consideram, para que sejam compreendidos, o contexto social, histórico, cultural e ideológico em que estão inseridos.

A seguir apresentamos o memorial de auto-hetero-co-eco-formação de Clara.

### **3. As vozes que compõem o memorial de Clara**

*Ao relatar fatos por nós vividos e em algumas linhas contar nossa vida é como nos depararmos com um filme, onde o ator principal somos nós e a história contada é nossa, reencontramos conosco, e revivemos experiências, que pelo tempo tornaram-se esquecidas. (Clara, 2011)*

A epígrafe acima refere-se às primeiras reflexões de Clara em seu memorial de formação. A narrativa na primeira pessoa do plural - “fatos por nós vividos”, “nossa vida”, “o ator principal somos nós”, “a história contada é nossa” – não parece ser apenas uma adequação a uma norma gramatical, mas revela o quanto a sua história de vida está entremeada com a história de vida de outras pessoas, difícil seria quantificá-las.

A escolha do memorial de Clara neste trabalho deve-se ao fato de estar sendo escrito a partir de diferentes contextos formativos, como: memórias de experiências vivenciadas durante a escolarização antes do ingresso na universidade; experiências durante o estágio supervisionado em matemática; participação como bolsista junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), atuando em escolas de educação básica, em parceria com professores de matemática e com os quais vai aprendendo o ofício de professor; atividades (aulas, oficinas e congressos) das quais participa ao longo da licenciatura; e, também, por ela ter optado pelo memorial de formação como trabalho de conclusão de curso (TCC).

O memorial de Clara começou a ser elaborado no primeiro semestre de 2011. Além das leituras sobre escritas (auto)biográficas e sobre o processo de (auto)formação docente sugeridos aos alunos das turmas de estágio e de disciplinas do núcleo da Educação Matemática, ela intensificou leituras sobre estes temas por mim sugeridas, visto que sou sua orientadora de TCC. Entendo que, ao sugerir leituras sobre a produção de memoriais, atuo como mediadora entre a literatura e a tarefa a que Clara se propõe.

As sugestões de leituras e as discussões realizadas simultaneamente à elaboração dos memoriais têm por objetivo fornecer subsídios teóricos e, principalmente, fazer com que o futuro professor tenha consciência do potencial do memorial, enquanto prática de (auto)formação.

Sobre o processo de leitura de textos e da escrita do memorial, Clara demonstra já ter compreensão das possibilidades de refletir sobre suas experiências ao afirmar que

*nos faz refletir e pensar nos porquês das minhas atitudes diante das situações que vivo e nas capacidades que desenvolvo para certas coisas e não para outras... Assim, estou sempre atribuindo um juízo de valor, vendo nos acontecimentos que se sucedem ao meu redor, e do qual eu participo como ator ou mero expectador, se representam ou não algo de valor para mim. (PRADO e SOLIGO, 2005, p.7) (Clara – 2011-2012)*

Ainda criança, Clara já inicia sua trajetória de tornar-se professora de matemática:

*Quando ingressei na 4ª série, minha escola enfrentava um grave problema com a falta de professores, o município não dispunha de profissionais habilitados e interessados em lecionar na Zona Rural e as quatro séries do ensino fundamental contavam com apenas uma professora, ou seja, eram salas multisseriadas. Acredito que tal situação se apresentava pela falta de condições adequadas de trabalho, como a precariedade do transporte, pouco espaço das salas. Foram tempos bem difíceis e os alunos eram divididos em duas salas, que tinham a supervisão de uma mesma educadora.*

*Em algumas destas aulas ajudava ensinando e orientando as turmas mais novas.*

*Este fato foi um dos que certamente favoreceram para minha escolha, já que meu contato com sala de aula, desde cedo se mostrava distinto, devido às experiências anteriormente vividas, que por outro lado, trouxeram alguns danos à minha formação, pois por maior que fosse o empenho da professora, não conseguia atender as expectativas, já que todas as turmas, por quase um semestre, ficaram em um mesmo horário sob sua responsabilidade. (Clara – 2011-2012)*

A escrita do memorial deu-lhe a oportunidade de ‘reencontrar-se’ com uma professora dos anos iniciais do ensino fundamental e de trazer a tona um sentimento que estava represado.

*Durante alguns anos, convivi com uma professora, que tinha uma proposta didática muito fechada, utilizava-se do medo para forçar a aprendizagem, ou melhor, para induzir a uma fixação de conteúdos. Na época eu me indagava, será que todo professor de Matemática é assim tão duro com seus alunos? (...) Uma das experiências que me marcaram muito foi quando ao respondê-la que não sabia resolver um exercício, ela pediu que fosse ao quadro e o resolvesse. Sem nenhuma ajuda, deixou-me alguns minutos parada em frente ao mesmo e somente depois me explicou. Este fato causou-me muito constrangimento, uma vez que a turma toda ria da circunstância, aumentando ainda mais minha timidez. (Clara, 2011-2012)*

De acordo com Prado e Soligo (2005, p. 6) “ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam.”. As reflexões realizadas por Clara a partir de experiências com professores, discussões na Universidade e a escrita do Memorial ajudaram-na a ressignificar concepções e sentimentos.

*Hoje, vejo que mesmo não sendo a maneira mais adequada de ensinar, foi assim que ela aprendeu e era como conseguia conduzir suas aulas e obter o respeito de sua turma. (...)*

*Ao viver esta situação, percebi que muitas vezes agimos por impulso e não fazemos uma reflexão a respeito dos fatos que nos rodeiam. O professor deve tomar muito cuidado ao responder questionamentos dos alunos, pois dependendo do contexto, suas palavras podem trazer traumas gravíssimos, podendo até criar barreiras que dificultarão o processo de ensino e aprendizado. . (Clara, 2011-2012)*

*Assim como em qualquer outra profissão, os profissionais da educação são seres humanos, constituídos de erros, acertos, limitações, qualidades e defeitos. Sendo assim, como futura professora, devo me posicionar de modo a não julgar, mas buscar compreender o motivo de certas posturas e se possível buscar soluções, não me esquecendo que futuramente estarei em situações muito parecidas e se não tiver uma formação sólida, posso cometer os mesmos erros. (Clara, 2011-2012)*

Outra experiência narrada por Clara diz respeito a sensação de fracasso que sentiu por não ter conseguido atingir os objetivos estabelecidos durante o primeiro estágio,

porém, ao longo do processo teve a oportunidade de refletir sobre sua atuação e acertar seus passos.

*O sentimento de insatisfação, quanto ao trabalho realizado no primeiro estágio com as turmas de 9º ano, fez com que optássemos por continuar estagiando na mesma escola e turmas. Este sentimento se deve a pouca atuação que tivemos nas aulas, se comparada às atividades do PIBID e ao fato de que as metas traçadas durante o início do estágio não foram por nós alcançadas, uma delas era trabalhar operações com números inteiros. Então decidimos por terminar o trabalho começado, permanecendo mais um semestre auxiliando os alunos e com eles aprendendo. (Clara, 2011-2012)*

*O primeiro passo tomado nas aulas iniciais de observação foi atender as dificuldades que havíamos percebido no semestre anterior, e coletar dados que nos levassem a conclusão a respeito de qual seria a situação atual dos alunos. Percebemos então, a necessidade de reestruturar uma atividade que havíamos planejado no semestre anterior (...). Criamos então uma atividade em que os alunos pudessem trabalhar os conceitos de adição e subtração, bem como a resolução de uma situação-problema envolvendo a compreensão de extratos bancários e saldos de caixas comerciais. (Clara, 2011-2012)*

A possibilidade da aprendizagem de saberes profissionais e a ruptura com algumas crenças sobre a sala de aula, a partir de práticas compartilhadas são fatores que recebem destaque na sua fala.

*(...) o que eu realmente buscava com o PIBID, mas consegui alcançar meu objetivo, e passei.*

*Neste programa, obtenho os subsídios necessários para uma melhor atuação nos estágios e em minhas futuras salas de aula. Toda semana o grupo que faço parte, se reúne para estudar temas que auxiliem nossa formação e desempenho, nelas discutimos práticas educativas, trocamos experiências, além de elaborarmos narrativas a respeito das atividades e tarefas que estamos desenvolvendo na escola.*

*No grupo além das atividades formadoras, como minicursos e palestras, que nos são fornecidas, temos a oportunidade de desenvolver práticas e atividades que favoreçam a aprendizagem. O contato com a professora supervisora se torna mais profundo, que nos estágios, uma vez que interagimos não somente dentro da sala de aula, mas também nas reuniões realizadas durante a semana.*

*A participação no projeto, fez com que minha formação tivesse uma nova direção, pois o papel de aluno, que estuda teorias e como colocá-las em prática, deu lugar ao do professor, que deve além de compreender teorias, fazê-las acontecerem de fato em sua aula, com novas perspectivas e práticas educativas.*

*Seria de fundamental importância que todos os licenciandos tivessem este tipo de contato desde o início de sua formação, somente assim poderiam compreender em sua essência, a amplitude da profissão professor. (Clara, 2011-2012)*

Um momento marcante evidenciado na escrita do memorial de Clara, quando ela perceber-se professora de matemática na interação com os alunos do sexto ano ao assumir, pela primeira vez, uma sala de aula.

*Percebi que de todas as atividades e tarefas desenvolvidas durante o período de estágios e PIBID, esta foi a que me senti mais envolvida e segura. Percebo que o contato com os alunos mais novos tem me envolvido muito, acredito que estou tendo uma maior afinidade com esta faixa etária. Outro fato que pode ter contribuído para meu maior envolvimento durante a atividade foi pelo fato de esta ser a primeira em que eu fiquei responsável pela sua condução, percebi que era necessário que eu tomasse uma postura mais firme, naquele momento a aula era minha responsabilidade. (Clara, 2011-2012)*

No diálogo com Freire (1996), Clara reflete sobre uma de suas preocupações enquanto futura professora de matemática, o perfil de um ‘bom professor’.

*Em muitos momentos de minha formação pensava: Qual deve ser o perfil de um bom professor? Quais são as características do indivíduo considerado bom professor? Devo ser igual a este ou aquele profissional? Então, cheguei à conclusão de que não é me tornando igual a alguém, que constituirei meu perfil profissional, mas*

*é na minha disponibilidade permanente á vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (FREIRE, 1996, p.85).*

De suas memórias do passado e percepções<sup>1</sup> do presente emergem as vozes que compõe o diálogo que Clara vai travando ao longo de sua narrativa com as diversas vozes, inclusive com a sua própria.

---

<sup>1</sup> “Percepções, neste estudo, podem ser vistas como indicações (introspecções) que os professores têm atualmente via reflexão sobre suas experiências presentes e passadas” (POLETTINI, 1996, p. 32).

*Além disso, colocar no papel minhas experiências foi uma forma de conversar comigo mesma, de refletir e compreender certas posturas, não somente minhas, mas também dos que estão ao meu redor. Lembro-me que escrever era um martírio para mim, parar para colocar no papel o que estava pensando era uma atividade muito maçante, mas tudo isto começou a mudar quando me deparei com Memorial de Formação. Ele se transformou em um instrumento de resgate de memórias e experiências, de superação de limitações e dificuldades, de autoformação e autoconhecimento.*

Neste sentido, Prado e Soligo (2005) afirmam que

é preciso combinar em nosso mundo interior as percepções que recolhemos do mundo exterior, dando forma às nossas idéias e pensamentos. Então, pensar pode ser isso: uma auto-reflexão sobre o todo do mundo tal qual se apresenta para nós, um jeito de contá-lo a nós mesmos. (p.8)

O memorial de Clara vai revelando seu processo de (trans)formação, a possibilidade de rever seus pontos de vista e de tornar possível a tomada de consciência de si mesma e da profissão que escolheu. Essa escrita de si tem lhe possibilitado constituir-se professora de matemática.

#### **4. Resultados da pesquisa (parciais)**

A partir de uma análise que teve como apoio os aportes teóricos de dois eixos que se entrelaçam: os estudos histórico-culturais e os estudos autobiográficos foi possível identificar a composição da “voz” de Clara com as “vozes” de “outros” personagens, que se entrecruzam em seu memorial de formação: seus colegas e professores da Educação Básica, alunos e professora da escola de estágio e PIBID, colegas e professores da Universidade e os autores dos textos lidos, entre outros – e das interrelações estabelecidas ao longo de sua escrita e que contribuíram e mobilizaram seu processo reflexivo e a apropriação do ser professora de matemática.

Ao analisar o memorial de Clara, sob a perspectiva da alteridade, por exemplo, foi possível identificar a “mediação biográfica”, ou seja, na condição de orientadora de seu memorial, eu consigo perceber no movimento de escrita e reescrita, ressignificações das

experiências vividas e atribuição de novos sentidos, agora refletidos e refratados no movimento eu-outro.

A produção do memorial, como prática de (auto)formação corrobora uma posição já consensual entre formadores de professores de que, durante a graduação, é fundamental que o futuro professor tenha suas crenças questionadas e problematizadas, possibilitando-lhe que se assuma como profissional, que buscará por outras abordagens para ensinar matemática, diferentes daquelas que vivenciou como estudante.

Desta forma, diversas pesquisas têm apontado que a introdução intencional da escrita de si associada à leitura de textos sobre o assunto tem-se evidenciado como importante prática de (auto)formação docente.

## 5. Agradecimentos

Agradeço a Clara por permitir-me conhecer um pouco de sua história de vida e formação e compartilhar parte dela.

## 6. Referências

BAKHTIN, M; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira, São Paulo: Martins Fontes, 1992

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método autobiográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Org.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.203-218.

\_\_\_\_\_. *A mediação biográfica. Acompanhar adultos em processos-projetos de si*. Disponível em: <<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/moradias/a-mediacao-biografica-acompanhar-adultos-em-processos-projetos-de-si.html>>. Acesso em: 10.ago.2012.

PINEAU, Gastão. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Org.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

POLETTINI, Altair F. F. História de vida relacionada ao ensino da Matemática no estudo dos processos de mudança e desenvolvimento de professores. *Zetetiké*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: CEMPEM, vol. 4, no. 5, 1996, p. 29 –48.